

AS ATITUDES LINGÜÍSTICAS NA MANUTENÇÃO OU NÃO DA LÍNGUA INDÍGENA EM UMA COMUNIDADE BILÍNGÜE.

GARCIA, Mariana de Souza; **BRAGGIO**, Sílvia Lúcia Bigonjal.
Faculdade de Letras.
mari_s_garcia@hotmail.com e silvialbb@terra.com.br

Palavras-chave:

Atitudes lingüísticas, Línguas ameaçadas, Bilingüismo, Língua Terena.

Introdução:

Nas últimas décadas, uma quantidade significativamente grande de línguas foram extintas ou ficaram próximas à extinção. A expectativa para os próximos anos, nas previsões mais pessimistas, é a morte de 90 por cento das cerca de 6000 línguas ainda existentes no mundo (Hale, 1998). Entre as línguas que não mais serão faladas, estão as cento e oitenta línguas indígenas brasileiras (Oliveira, 2005), minorizadas no contato assimétrico com a sociedade majoritária (Hinton, 2001; Braggio, 2002).

A língua Terena, filiada à família lingüística Aruak, é uma dessas línguas que vai se enfraquecendo e se esvaecendo, como analisa-se na sua tradicional comunidade de Ipegue (Oliveira, 1957), situada no município de Aquidauana no Mato Grosso do Sul. O uso e a transmissão de uma língua inter-gerações, dependem, entre outros fatores, de atitudes lingüísticas positivas para com ela. A situação de uma língua não existe no vácuo (Crystal, 2000). A análise das atitudes lingüísticas é essencial para uma avaliação mais abrangente da situação sociolingüística de uma língua. Neste estudo, parte-se de um modelo teórico (Edwards, 1992; Grenoble e Whaley, 1998) que reconhece no uso das línguas, a influência de fatores sociais, políticos, históricos, econômicos, etc no contexto interno e externo à comunidade de fala.

Metodologia:

A fim de eliciar as atitudes lingüísticas da comunidade de fala pesquisada, realizou-se entrevistas através de um questionário reformulado especificamente para esse fim. Segundo Grosjean (1982, p. 127) a aquisição, o uso e a preferência de língua dos bilíngües dependem de uma atitude lingüística favorável às línguas. No *Questionário de habilidades, usos e atitudes lingüísticas de Ipegue*, as atitudes lingüísticas foram tratadas especificamente em questões sobre preferência de línguas, com uma parte aberta em que o entrevistado justificou a sua escolha. As respostas foram auto-declarações dos falantes, sendo complementadas por notas de campo e também por leituras bibliográficas relativas aos Terena e ao seu contexto. Os colaboradores da pesquisa não foram submetidos a nenhum tipo de aferimento lingüístico do tipo realizado por medições através de testes – o que tem sido criticado na literatura do bilingüismo por importantes autores como Romaine (1995).

As perguntas sobre atitudes lingüísticas foram basicamente as seguintes:

Qual língua você acha que é a mais bonita? () Terena. () Português. Por quê?

Qual língua você acha que é a mais fácil para uma pessoa aprender e falar? ()

Terena () Português. Por quê?

Qual língua você mais gosta de falar? () Terena () Português. Por quê?

As entrevistas, com a utilização do questionário, foram feitas pessoalmente por esta pesquisadora, em dezembro de 2004, o que permitiu uma uniformidade na transcrição dos dados (cf. Romaine, 1995). Para o sorteio dos entrevistados, levou-se em conta as variáveis extra-lingüísticas sexo e idade, abrangendo cinco gerações entrevistadas e seis gerações observadas. A partir do censo realizado pela Fundação Nacional de Saúde em 2004, na comunidade Terena de Ipegue, realizou-se uma amostragem sistemática com dezoito por cento da população, em cada um dos dez grupos, formados a partir das variáveis extralingüísticas anteriormente mencionadas, o que corresponde a 158 entrevistas. É importante ressaltar que o estudo das atitudes lingüísticas nesta pesquisa não ficou limitado à análise somente das três questões acima.

3. Resultados e discussão:

As respostas objetivas, às três questões sobre atitudes lingüísticas da comunidade Ipegue, se resumem na Tabela 1 abaixo. A opção “ambas as línguas” não foi dada *a priori* para os entrevistados; entretanto essa escolha foi respeitada e registrada.

Tabela 1. Atitude lingüística

Língua	Terena	Português	Ambas	Não resp.	Número
Mais bonita	61% A	16% B	21% C	2%	158
Mais fácil	17% D	66% E	15% F	2%	158
Mais gosta de falar	27% G	65% H	6% I	2%	158

O objetivo com essas questões não era o de obter respostas “certas” ou “erradas”, mas verificar a existência de consensos e conflitos em torno dos temas sociolingüísticos abordados (Romaine, 1995, p. 298-9). À primeira vista, nota-se a não-homogeneidade das atitudes lingüísticas (Crystal, 2000, p. 103) e a existência de um conflito de atitudes lingüísticas, expresso principalmente na comparação do índice A com os índices E e H. Pela limitações impostas, analisa-se somente os índices A, B e C da Tabela 1.

Quanto à língua “mais bonita”, em todas as gerações a preferência maior é pela língua Terena (cf. A) do que pela língua portuguesa ou por ambas as línguas. Uma das justificativas encontradas para essa atitude é a existência de um sentimento étnico e de vínculos afetivos da comunidade para com a língua Terena, expressos em explicações tais como: “é a nossa língua”; “mostra que somos índios”; “devemos valorizar e defender a nossa língua”; “não podemos deixar a língua Terena e pular para outra língua”.

Uma parcela menor de entrevistados elege a língua portuguesa como a língua “mais bonita” (cf. B). Na composição de B, nota-se sobretudo a presença das gerações mais novas. O aumento na preferência pela língua portuguesa, da geração jovem para a geração das crianças, preocupa quando se pensa no futuro e na vitalidade da língua Terena naquela comunidade. Entre as alegações, destacam-se: “a língua portuguesa é mais respeitada se falada bem correta para fazer compras”; “os brancos quando vêem um grupo de índios falando Terena não entendem nada, mas o português é bonito e faz explicação”; “eu queria ser uma *purutuya* (não índia)”.

Nessas justificativas, pode-se notar algumas das várias pressões atuando no deslocamento da língua Terena: 1) a pressão econômica (Grenoble e Whaley,

1998); 2) a marginalização do grupo minoritário – a principal causa da morte de uma língua, segundo Nettle e Romaine (2000, p. 158) –, decorrente de uma visão histórica de uma língua para cada Estado¹ (Maybury-Lewis, 1983), expressa em uma política oficial de língua contrária ao multilingüismo, o que contribui também para a promoção da “ideologia do desdém” (Dorian, 1998). Como resultado dessas pressões, nota-se a angústia dos membros da comunidade minoritária, em especial das gerações mais novas, ante à pressão externa por uma forma subtrativa de bilingüismo, o que promove a rejeição de valores como a língua² e revela o grupo com o qual “desejam” se identificar (Romaine, 1994, p. 36). Como observam Lee e McLaughlin (2001, p. 37-38), o status e a atração por elementos culturais não-nativos levam os jovens e seus familiares a quase impedirem as oportunidades de aquisição da língua nativa.

Outra parcela igualmente menor de entrevistados optou por considerar tanto Terena quanto português como línguas bonitas (cf. C). Na composição da atitude lingüística expressa por C, os maiores índices estão nas gerações dos jovens e dos adultos, refletindo a existência, entre uma parcela destes, de uma atitude positiva para com o bilingüismo, ante as possibilidades de comunicação: “Terena é a marca do povo e é para conversar com os índios e português é pra conversar com o não índio fora”; “a gente precisa de falar um pouco das duas para conversar com todos, é importante falar as duas”; “precisa saber as duas pra melhorar a vida e pra conversar mais com o branco porque ele não entende bem Terena”; “ para conversar com todos os que falam português e com os que não falam português, de outras aldeias”.

Nota-se, nessas justificativas, a pressão enfrentada pelo grupo minoritário para a aquisição da língua do grupo majoritário, em razão das necessidades de comunicação decorrentes do contato. Entretanto igual disposição inexistente por parte do grupo majoritário para com a aquisição da língua do grupo minoritário (Grosjean, 1982, cap. 2; Romaine, 1994, p. 34). Por outro lado, também existe uma pressão interna ao próprio grupo étnico – por parte de algumas outras comunidades Terena – favorável à aquisição da língua Terena. Um dos *lócus* desta última é o espaço da escola, situada na comunidade Terena de Bananal, onde convivem jovens oriundos de todas as comunidades da reserva Taunay/Ipegue, que, juntos, cursam o único curso de ensino médio disponível na reserva.

À guisa de conclusão:

A partir da análise das atitudes lingüísticas da comunidade Terena de Ipegue para com a sua língua emergem algumas conclusões preliminares. Os julgamentos negativos da comunidade majoritária em relação à língua Terena são interiorizados pela maioria da população de Ipegue³. Sua atitude em relação à língua portuguesa é de assimilação mais do que de resistência – praticada por uma minoria de famílias e cada vez mais enfraquecida entre as gerações mais novas. Nessa comunidade, a política de língua está direcionada para um monolingüismo na língua portuguesa.

Fatores do contexto externo privam as populações, como a de Ipegue, da real possibilidade de escolha pela continuidade da língua minoritária (Nettle e Romaine, 2000, p. 142-154; Hale, 1998, p. 213). Uma língua é trocada, substituída

¹ Esta concepção é responsável por cerca de oitenta por cento dos conflitos, ocorridos entre Estados-nações e povos minoritários, em todo o mundo (Nettle e Romaine, 2000, p. 22).

² Este fato foi também observado por Lambert (1977, apud Grosjean, 1982, p. 163).

³ Penteadó (1980) chega a uma conclusão semelhante em seu estudo entre os Terena citadinos, inclusive na sede do município de Aquidauana (MS).

e morta, como uma resposta a pressões sociais, econômicas, entre outras (Nettle e Romaine, 2000, p. 7).

Os grupos políticos e econômicos dominantes repugnam o pluralismo, inclusive o étnico e o lingüístico. De forma sutil e eficiente, no nível ideológico, divulgam ideologias de intolerância com as diferenças para eliminá-las, e também agem por meio do apagamento oficial da diversidade étnica e lingüística (Maybury-Lewis, 1983; Oliveira, 2004; Nettle e Romaine, 2000; Dorian, 1998). Por trás dessa ideologia dominante, está não só a intenção de esconder a exploração, o autoritarismo e o privilégio hegemônico de uma parte da população, mas também o projeto e sonho das elites de ter uma nação com um centro, um poder, um povo e uma língua, de preferência monolíngüe l. Nessa perspectiva, os grupos étnicos e a diversidade lingüística são vistos como um empecilho ao progresso, sendo culpados pelo atraso vivido pelas nações, além de receberem o rótulo de separatistas, simplesmente por serem diferentes, mesmo sendo uma minoria em termos numéricos, não subversiva e nem separatista, como é o caso do Brasil (Maybury-Lewis, 1983).

Para a sobrevivência das línguas minoritárias, é fundamental uma atenção também na perspectiva ecológica, englobando o relacionamento entre povos, seu ambiente, seus pensamentos e sentimentos (Crystal, 2000; Nettle e Romaine, 2000), uma vez que o bem-estar físico de uma comunidade é sua principal prioridade. Segundo Rhydwen (1998, p. 105, apud Crystal, 2000, p. 104), quando as necessidades básicas por abrigo, comida, proteção e saúde não estão satisfeitas, temas como manutenção de língua ou revitalização são vistos como luxos irrelevantes. Assim, as escolhas das línguas pelas pessoas acontecem sob certas condições que não podem ser chamadas de livres; a real escolha ocorre quando se permite que o próprio povo tenha um real controle e responsabilidade de suas comunidades (Nettle e Romaine, 2000 p. 145).

Quanto à uma atuação junto ao deslocamento da língua minoritária, concorda-se com Oliveira (2004), que não acredita em soluções de cima para baixo e nem em soluções únicas. Segundo ele, o primeiro passo para solucionar problemas é enxergá-los localmente, a partir de níveis concretos de intervenção. O deslocamento da língua Terena pela língua portuguesa está em curso acelerado; mas a partir de casos relatados por Hilton (2001, p. 6), Graig (1992, p. 19) e Mithun (1998), a reversão do processo ainda é possível se houver uma atuação por parte da minoria que ainda tem atitudes lingüísticas positivas para com a língua Terena. Entretanto uma língua não resiste somente com a força de fatores internos à comunidade. Na luta pela mudança nos fatores externos, que é bem maior, são muitos os interesses que atuam de forma oculta e sutil, e explicitá-los, tornando-os conhecidos, talvez seja uma primeira forma de resistência.

Referências:

- BRAGGIO, S.L. B. Línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 5/6, n.1, p. 9-53, 2002.
- CRAIG, Colette. A constitutional response to language endangerment: the case of Nicaragua. *Language – Journal of the Linguistic Society of America*, v. 68, n. 1, p. 17-24, mar. 1992.
- CRYSTAL, David. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

- DORIAN, Nancy C. Western language ideologies and small-language prospects. In: GRENOBLE, Leonore A. WHALEY, Lindsay J. (Eds.), *Endangered languages*. Cambridge, Cambridge University Press, 1998. p 3 - 21.
- EDWARDS, John. Sociopolitical aspects of language maintenance and loss – towards a typology of minority language situations. In: FASE, W., JASPAERT, K., E KROON. S. (Eds.), *Maintenance and loss of minority languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992. p. 37-54.
- GRENOBLE, Leonore A.; WHALEY, Lindsay J. (Eds.) *Endangered languages: language loss and community response*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- GROSJEAN, François. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard: Harvard University Press, 1982.
- HALE, Ken. On endangered languages and the importance of linguistic diversity. In: GRENOBLE, Leonore A.; WHALEY, Lindsay J. (Eds.) *Endangered languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 192 - 216.
- HINTON, Leanne. Language revitalization: an overview. In: HINTON, L.; HALE, K. (Eds.) *The green book of language revitalization*. New York: Academic Press, 2001. p. 3-18.
- LEE, T. e MCLAUGHLIN, D. Reversing Navajo language shift, revisited. In: FISHMAN, J. A. (Ed.), *Can Threatened Languages be saved?* Clevedon: Multilingual Matters, 2001. p. 23 – 43.
- MAYBURY-LEWIS, David. Vivendo Leviatã: grupos étnicos e o Estado. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (Dir.) *Anuário Antropológico 83*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Edições UFC, 1983. p. 103 – 118.
- MITHUN, Marianne. The significance of diversity in language endangerment and preservation. In: GRENOBLE, Leonore A.; WHALEY, Lindsay J. (Eds.) *Endangered languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 163- 191.
- NETTLE, D. e ROMAINE S. *Vanishing voices: the extinction of the world's languages*. New York: Oxford, 2000.
- OLIVEIRA, R. Cardoso. Preliminares de uma pesquisa sobre a assimilação dos Terena. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v. 5, n. 2, 1957.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller. Línguas como patrimônio imaterial. Disponível em: <www.ipol.org.br>. Acesso em 05/ maio /2005.
- OLIVEIRA, Gilvan Muller. *A língua entre os dentes*. Disponível em: <www.ipol.org.br>. Acesso em 05 /maio /2005.
- PENTEADO, Yara. *A condição urbana: estudo de dois casos de inserção do índio na vida citadina*. 1980. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1980.
- ROMAINE, Suzanne. *Language in Society: an introduction to sociolinguistics*. New York : Oxford, 1994.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed.. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.